

JOVENS EM BUSCA DE UM CAMINHO: UM ESTUDO SOBRE JOVENS DELINQUENTES NA CIDADE DE SÃO PAULO*

*Antonio Sergio Spagnol***

Resumo: Os jovens que se envolvem em infrações graves na cidade de São Paulo chamam a atenção pela crueldade com que praticam esses atos. São jovens tanto da periferia, quanto de bairros mais abastados. A mídia colabora alardeando esses eventos focando principalmente os jovens da periferia. Fala-se também em gangues na cidade, mas a pesquisa não pôde encontrar esse fenômeno. Por meio de entrevistas podemos notar as diferentes formas de atuação desses jovens e a crueldade com que praticam suas ações. Essas ações indicam que as relações baseadas num princípio de reciprocidade estão rompidas deixando emergir outros laços sociais baseados no fascínio pelo poder e destruição do outro.

Palavras-chave: delinqüência juvenil; homicídios; gangues; adolescentes infratores; jovens delinqüentes; crueldade.

Os jovens que se envolvem com a delinqüência na cidade de São Paulo sempre chamaram a atenção de especialistas de diferentes áreas e a literatura dos últimos anos tem oferecido farto material para a elaboração de muitas análises. Segundo alguns estudos, a primeira causa de mortalidade entre os jovens na faixa de quinze a vinte e quatro anos é o homicídio (MELLO JORGE, 1998). O número de jovens que morrem assassinados no Brasil, segundo a Polícia Militar – PM, é quase sete vezes maior do que o número de vítimas de homicídios na população total. No ano de 2000, a PM paulista registrou o dobro de internações, nas Febens de São Paulo, de adolescentes acusados por prática de homicídio e tentativa de homicídio. As explicações para o fenômeno seguem em várias direções, passando pelas questões da delinqüência, a exclusão social, a cultura adolescente, as gangues de rua, até o crime organizado.

O interessante também é que essa violência passou a ser o foco das preocupações dos jovens. Pesquisas mostram que, para 49% dos jovens que habitam centros urbanos, o principal medo e o que faz com se sintam mais ameaçados é a

* Texto baseado em: *Garotos Perdidos*, um estudo sobre os jovens delinqüentes na Cidade de São Paulo, tese de doutorado defendida no Depto de Sociologia da FFLCH-USP em maio de 2003.

** Doutor em Sociologia pela FFLCH-USP.

violência, independente da região em que habitam. Na região metropolitana de São Paulo, 42% dos jovens afirmaram já terem visto pessoalmente alguém assassinado, tendo um em cada três jovens já sido assaltado (ABRAMO, 2001). Outros estudos (DIÓGENES, 1998; COSTA, 1993; SALEM, 1995; GUIMARÃES, 1998; VIANNA, 1988) chamam a atenção para jovens delinquentes que se unem em *gangues* para suas praticas delinqüenciais. No caso da cidade de Brasília, por exemplo, Waiselfisz (1998) mostra que de todos os jovens internados nas Febens daquela cidade, cerca de 50% já pertenceram ou tiveram ligações com as gangues de rua, bandos ou quadrilhas¹.

Os internos da Febem de São Paulo que praticaram roubo ou furto representam 67% do total e a taxa daqueles que cometeram homicídios fica em torno de 8,5% do total de internos². Mesmo assim, o homicídio é a modalidade de crime que mais chama a atenção da população em geral e provoca reações mais dramáticas em relação aos outros tipos de crime. Principalmente aquele homicídio que choca pela extrema violência com que é praticado. O que mais impressiona é a crueldade com que os jovens tratam suas vítimas. Não é somente matar, atirar ou esfaquear uma pessoa, mas sim torturá-la, cortar, furar, amassar, destruir seu corpo de maneira desumana, sem, contudo, demonstrar qualquer sinal de arrependimento. E o que se mostra ainda mais perturbador – parece haver um prazer nesses atos. Prazer em matar, em destruir o outro de maneira bárbara e cruel.

São jovens que não se contentam em matar o outro jovem apenas, mas se preocupam, sim, com a forma como o fazem. A brutalidade e a crueldade manifestadas por esses jovens chocam, principalmente se for considerada a faixa etária. São adolescentes cometendo homicídios contra outros seres humanos, sejam eles adolescentes ou adultos e com uma explosão de raiva extrema, revelando algo inquietante nas relações sociais. A sociedade, de maneira geral, responde a eles com preconceito e discriminação proporcionais à violência que cometeram.

A partir de uma pesquisa de campo realizada na cidade de São Paulo, no período de 1999-2002, tentei entender esse fenômeno que me pareceu tão particular quanto amedrontador. O objetivo desse artigo é mostrar como se deu essa pesquisa e levantar questões relativas ao comportamento desses jovens que vivem na cidade de São Paulo, bem como esclarecer uma possível relação com as chamadas “gangues de jovens” e o envolvimento de jovens pertencentes às classes média e alta na prática de homicídios.

Com base em entrevistas com jovens infratores internados na Febem Tatuapé, pude adentrar nesse mundo aterrorizante, que é o mundo dos homicídios. Jovens que relatam com riquezas de detalhes como cometeram tais infrações e como estão prontos a praticar outras, tão logo tenham oportunidade. Dessas entrevistas pude chegar até outros adolescentes em diferentes locais da cidade. Para o trabalho de

¹ Estudo como o de Diógenes (1998) mostra como se organizam as gangues da cidade de Fortaleza-CE.

² Relatório Febem 2000.

campo limitei-me à zona sul de São Paulo e a pesquisa se concentrou em bairros como Jardim Ângela e Capão Redondo, bairros com altas taxas de homicídios de uma maneira geral. São bairros que figuram entre os mais violentos da cidade. O primeiro já chegou a ser considerado um dos bairros mais violentos do mundo. Além desses dois bairros foi escolhida a Favela de Paraizópolis. Essa favela pode ser considerada um laboratório de pesquisas, dados os inúmeros estudos de que foi objeto. É uma das maiores favelas da cidade e faz uma espécie de ligação entre os dois bairros citados e o bairro do Morumbi, bairro nobre da capital. Foram tomados também dois municípios da região metropolitana de São Paulo – o município de Taboão da Serra e Embu, ambos na região sul da cidade. Para efeito de comparação, foram utilizados três bairros considerados nobres na cidade, o próprio bairro do Morumbi, cercado pela favela de Paraizópolis e ainda os bairros de Moema e Itaim-Bibi.

Entrei nesse mundo acreditando que meus personagens se escondiam nesses locais, mas percebi que, na verdade, sequer conseguiam sair deles. Caminhei por entre os barracos das favelas e casas mal acabadas da periferia que me provocaram um terror tal que quando encontrava meus entrevistados preferia, em alguns momentos, não tê-lo feito. Jovens armados, ou desarmados, conversavam comigo tranqüilamente enquanto eu mal conseguia me conter. Demorou um certo tempo para me acostumar. A sensação era estranha: estar em um barraco com um jovem manuseando uma arma, contando-me como ele matou suas vítimas, ou mesmo em uma rua movimentada, ou mesmo no pátio da Febem. Precisava concentrar-me na pesquisa proposta e ao mesmo tempo descobrir as “rotas de fuga”, como se tivesse que escapar. A mesma sensação sentia quando estava em busca dos entrevistados que habitavam as regiões consideradas nobres da cidade: Moema, Itaim-Bibi ou Morumbi. Os jovens dessas regiões também provocam medo e desespero com seus relatos.

Não há estudos sobre a delinquência de jovens pertencentes às classes média e média alta. Mas essa delinquência existe. Ocorre que essas informações não chegam à mídia. Antes mesmo do adolescente ingressar na Febem como infrator, seus familiares entram em cena para que isso não ocorra. A mídia também colabora. As notícias que geram maiores polêmicas são as dos crimes praticados por adolescentes oriundos da periferia, principalmente se o crime cometido for contra a classe média. Quando isso ocorre, as publicações são alarmantes em relação a esses fatos. O crime, quanto mais violento, sangrento e espetacular for, melhor será. Funciona como um forte atrativo para quem se utiliza desses fatos. Há uma certa afinidade entre a mídia e a violência, uma vez que a violência, apresentada principalmente como algo perturbador e descontrolado, pode denotar uma crise em relação ao Estado (MICHAUD, 1998), que se apressa a apresentar inúmeros projetos visando à reintrodução do jovem infrator à sociedade. O papel da mídia, segundo Thompson (1999), é provocar o medo, principalmente na classe média, insistindo que a violência é oriunda das classes baixas. A intenção é alardear constantemente que a violência está em todas as partes, em todos os momentos. Outro estudioso da mídia norte

americana diz que a imprensa provoca esse medo não no intuito de levantar o debate sobre a violência mas, sobretudo, para transformar a violência num evento dramatizado aos olhos da população (GLASSNER, 1999).

Os debates, de uma maneira geral, também seguem divididos em duas frentes: uma delas defendendo que o aumento da criminalidade juvenil é consequência da falta, por parte do Estado, da elaboração de uma política eficaz no combate a esse tipo de infração penal. Defendem o recrudescimento dos instrumentos legais que inibem a ação dos adolescentes em relação a essas ações e a diminuição da idade penal, bem como a severidade da aplicação das penas. Chegam até a idéia de pena de morte, para alguns casos, principalmente para os jovens infratores moradores da periferia. Outra frente discute o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente, promulgado em 1990 e sua real aplicação por parte do Estado. Acusam o Estado de omissão em relação ao Estatuto e de não desenvolver uma política voltada para o bem-estar do adolescente infrator.

Como frutos desses debates, surgiram diversas organizações dispostas a propor soluções práticas para os temas discutidos, principalmente aquelas voltadas à recuperação de menores infratores, como os que se encontram internados nas unidades das Febens de São Paulo. Há também inúmeros projetos direcionados aos jovens moradores de diferentes bairros da capital, principalmente os da periferia da cidade. A tentativa, de maneira geral, é de resgatar esse jovem do mundo da delinquência e/ou não permitir sua entrada nele. O problema que parece persistir é que, apesar de todas essas iniciativas, a delinquência juvenil continua ganhando destaque e preocupando a sociedade. Principalmente a participação de jovens nos chamados crimes violentos.

Os crimes cometidos pelos jovens de classe média que chegam à mídia, de uma maneira geral, não são vistos como crimes cometidos por “assassinos”, “monstros”, “homicidas”, mas sim por jovens com “alguns problemas” que de alguma maneira não conseguimos detectar. A questão principal que se discute nesses casos é a educação ou algum problema não detectado nas relações entre pais e filhos. A pergunta que se faz é: “onde foi que erramos?”.

Apesar de encontrarmos adolescentes de classe média envolvidos com a criminalidade, a grande maioria dos adolescentes que estão internados na Febem de São Paulo é oriunda da periferia da cidade e pertencente às classes trabalhadoras pauperizadas³. Ocorre que, nessa mesma periferia da cidade, encontramos adolescentes submetidos às mesmas condições sociais, que em nenhum momento de sua vida se envolvem com o mundo do crime. Pelo contrário, possuem até um discurso

³ Regiões como Cidade Ademar, Jardim Ângela, Sapopemba e Jabaquara que são, também, regiões onde se concentra o maior índice de desemprego. Os jovens dessas regiões são os mais atingidos e a violência impera nesse meio, forçando-os a se unirem em busca de segurança. Para alguns, pertencer a um grupo pode ser uma estratégia para se garantir contra a violência. Contudo, o mesmo grupo que dá sensação de segurança pode se tornar ameaça, pois, os grupos podem ter a conotação de “bandido” ligado à violência (CARDIA, 1998). Isto é, se a união em grupos ou outras modalidades de associação oferece num primeiro momento segurança, essa mesma segurança pode ser convertida em segregação por parte da comunidade que olha essa união como sendo uma ação de marginais.

contrário aos demais. No meio do caos em que se encontram, parece que ainda buscam uma normalidade da vida, no binômio escola-trabalho, que lhes dê um mínimo de esperança de uma vida melhor.

É fato, também, que a maioria dos adolescentes que cometem delitos não está sozinha nessas ações. Conseguem a colaboração de amigos, vizinhos e mesmo de pessoas que mal conhecem. Essa união, momentânea até, é vista, na maioria das vezes, como sendo uma espécie de organização que é entendida como uma “ganguê”, bando ou quadrilha. A mídia coloca esse fenômeno na pauta do dia. Há um grande alarde sobre as atitudes desses adolescentes, principalmente quando envolve crime de morte. Ainda mais quando esses crimes deixam os bairros e caminham no sentido periferia-centro. Assim, nos últimos anos, esse fenômeno passou a ser percebido como um problema social e ganhou estatuto de questão nacional.

Contudo, a pobreza por si só não explica a violência nessas áreas mais pobres, uma vez que outras regiões da cidade, tão miseráveis quanto, possuem um número menor de adolescentes infratores. Além disso, mesmo nas áreas mais miseráveis, apenas uma parcela dos adolescentes envereda para o campo da delinqüência. Acredito que deve haver outros elementos que indiquem as causas desse fenômeno.

O modo de inserção social dos jovens que pertencem a diferentes grupos em São Paulo pode ser distinto, mas há uma marca em todos eles: o uso da violência como forma de maior expressão. Apesar de esse tema ser considerado preocupante no cenário nacional, a violência envolvendo adolescentes não é assunto recente nem menos debatido, como dito anteriormente. O interesse da sociedade por esse fenômeno vem do século passado e suas diferentes propostas de soluções caminharam sempre juntas. Mas o fenômeno dos grupos de jovens, os homicídios praticados por adolescentes, principalmente lançando mão da crueldade, é algo que ainda preocupa e amedronta a todos.

AS GANGUES

A literatura norte-americana nos oferece inúmeros estudos sobre a formação de gangues de jovens delinqüentes. A maioria aponta para o fato de que as gangues são coletivos formalizados nos quais o objetivo principal é proporcionar ganhos econômicos e sociais a seus membros.

Segundo Klein (1995), gangue pode ser qualquer grupo de adolescentes que apresente as seguintes características: seus membros são reconhecidos pelos moradores de determinado território como pertencentes a um grupo; os membros também se identificam como pertencentes ao grupo e que tenham cometido um mínimo de delitos, fazendo com que a comunidade local, bem como as autoridades, desenvolvam em relação a eles e ao grupo atitudes negativas.

Com a deterioração das condições de vida de pessoas pertencentes às classes trabalhadoras e o relacionamento com o Estado, alguns jovens desenvolvem

estratégias para se tornarem empreendedores – uma dessas estratégias é formar gangues. Em vez de rejeitarem a cultura, adaptaram suas estratégias às oportunidades e aos recursos que têm. Em contrapartida, o Estado responde aprisionando e reprimindo membros das gangues, o que só faz fortalecê-los cada vez mais. Assim, para Jankowski (1997), as gangues influenciam a estrutura social em que se encontram e influenciam a estrutura social da qual estão separadas. Influenciam e sofrem influência do meio no qual estão inseridas. Dessa maneira, o fenômeno das gangues seria tanto uma resposta às condições estruturais da sociedade, como também parte integrante dessas condições.

O objetivo principal desse tipo de organização é proporcionar a seus membros, basicamente, vantagens econômicas e sociais. “Numa situação estrutural como essa, as principais atividades da gangue, como organização, destinam-se a assegurar os recursos financeiros necessários para proporcionar lazer a seus membros” (JANKOWSKI, 1997, p. 30). Com a deterioração das condições de vida das pessoas de classes menos favorecidas e o retraimento do Estado nas questões sociais, os adolescentes, principalmente os oriundos de classes menos privilegiadas, buscam sobreviver de alguma maneira. Em vez de rejeitarem a cultura econômica prevalecente, as gangues aceitam os princípios dessa cultura e adaptam suas estratégias às oportunidades e aos recursos que poderiam ter. Isso não significa que as gangues estejam empenhadas em acumular lucros, mas a perspectiva de ganhos, frente a uma situação econômica incerta atrai um certo número de jovens, principalmente os oriundos de famílias pobres.

O jovem que deseja ingressar numa gangue deve passar por uma espécie de ritual de aceitação. Esse ritual vai desde agüentar ser espancado, até realizar pequenos furtos para satisfazer os interesses dos mais velhos. Deve seguir uma hierarquia – obediência aos líderes, uso dos códigos internos e informais para se comunicar. A união é que faz a força do grupo. As atividades econômicas cotidianamente desenvolvidas pelos componentes da gangue variam entre as diferentes gangues. Vai desde proteção a comerciantes do bairro, até participação em prostituição, passando por roubos e assaltos diversos. (JANKOWSKI, 1991; COHEN, 1955).

Essas explicações sobre a formação das gangues, bem como a atuação de seus membros nas comunidades americanas, mostra que o fenômeno proporciona ainda um vasto campo de pesquisa a ser investigado. O que parece ser um consenso nos estudos é que grande parte da violência das gangues americanas está relacionada às questões sócio-econômicas. Para se manterem atuantes em meio à deterioração das condições de vida e do caos urbano em que se encontram, os jovens unem-se em gangues como estratégia de sobrevivência e adaptam essas estratégias frente às oportunidades e aos recursos que podem ter.

Nos EUA as gangues ganharam espaço e fama. Elas mantêm relações estreitas com a polícia, por exemplo, que utiliza as gangues para expandir seu conhecimento em determinadas áreas, onde não conseguem penetrar. Como não há uma política pública efetiva, as prisões dos membros das gangues tornam-se um círculo vicioso. A polícia prende, mas tempos depois o jovem acaba sendo libertado. As-

sim, ambos – a polícia e os membros das gangues – são beneficiados. No caso da imprensa, também há benefícios mútuos. A imprensa utiliza-se das gangues que fornecem histórias, podendo a comunidade ser influenciada e a gangue se utiliza da mídia para se inserir no espaço urbano e se fortalecer.

Todas as explicações sobre as gangues americanas, bem como o que nos chega via mídia impressa e, principalmente, o cinema relatando sobre as gangues americanas, alimentam o imaginário social a respeito da delinquência juvenil e, de certa forma, influenciam nosso olhar sobre os adolescentes infratores. Contudo, podemos pensar em gangues de delinquentes no país, em especial na cidade de São Paulo, tal como existem nos EUA?

NO BRASIL

No caso brasileiro a utilização do termo *gangue*, quando se trata de delinquência juvenil, parece ser aleatória, principalmente por parte da mídia. Utiliza-se o termo *gangue* para definir qualquer grupo de jovens que pratique diferentes atos infracionais. Quando um grupo de jovens é detido, não é raro o termo *gangue* ser utilizado para defini-lo. Basta que, para tanto, estejam presentes, no momento da detenção, mais de três jovens, mesmo que apenas suspeitos de um determinado ato infracional.

Outro termo utilizado aqui no Brasil é *bando*. Geralmente é usado para designar um grupo de delinquentes, organizado para um objetivo comum e imediato. Um assalto, um resgate de prisioneiro ou um ataque, seguido do desmantelamento do grupo.

A *quadrilha* é um conjunto com pelos menos quatro elementos, cuja ação é semelhante à do bando. Ocorre que, após a ação, não há, necessariamente, o desmantelamento do grupo. “As quadrilhas são compostas por um número relativamente pequeno de pessoas, em geral jovens, que se organizam com a finalidade de desenvolver atividades ilegais para o enriquecimento rápido de seus membros” (ZALUAR, 1997, p. 44). Esse seria um dos pontos que as quadrilhas brasileiras têm em comum com as gangues americanas, isto é, o fato de buscarem o enriquecimento rápido por vias ilegais.

Outro fato que pode ser observado é a relação dos membros de uma quadrilha com seus vizinhos. No Brasil, as relações são mais explícitas. Um dos pontos referentes à pertinência de uma quadrilha em determinado bairro é seu poderio de interferir no cotidiano dos moradores (definindo os dias de luto, toque de recolher em escolas, em ruas, impedindo a abertura do comércio etc.). É o chamado *poder paralelo*. Como o Estado não consegue atuar de forma eficiente, na manutenção da ordem e da segurança, as quadrilhas tomam a frente, ora auxiliando os moradores da vizinhança, ora punindo com a expulsão deste ou daquele morador, bloqueando ruas, fechando estabelecimentos ou outra forma de sanção. Os delinquentes acabam tomando o espaço deixado pelo Estado, que não supre as necessidades dos

habitantes. Isso deixa os moradores à mercê dos delinquentes. Parte dos moradores aceita, ou tem que aceitar, esse poder em troca de uma certa proteção. Os que não aceitam são punidos. Um dos pontos principais de aceitação da quadrilha pelos moradores é a defesa da vizinhança contra bandidos de outros bairros. Segundo Zaluar (1997), que fala mais especificamente da cidade do Rio de Janeiro, “numa cidade cada vez mais dividida em territórios controlados por quadrilhas e comandos infestados de pequenos ladrões e esturpadores, é a quadrilha local que respeita as regras de convívio com o trabalhador que exerce a segurança” (p. 47-8).

Dessa forma, “o território ocupado, ao mesmo tempo em que é área de segurança dos bandidos, torna-se, para os moradores, um espaço protegido das agressões de elementos da própria área e de bandidos de fora” (GUIMARÃES, 1998, p. 94). O poder dos traficantes aumenta quando estes conseguem dominar por completo o território, punindo os moradores que infringem esta ou aquela regra por eles determinada, na oferta de serviços os quais deveriam ser da ordem do Estado ou, mesmo, atendendo a pequenas necessidades dos moradores do local.

Na cidade de São Paulo, também, não são raros casos de violência que têm como protagonistas jovens – que a mídia classifica como “pertencentes às gangues”, quadrilhas etc. – e os motivos alegados são os de tentativa de invasão da área ou simplesmente por um olhar “enviesado”. São chamados também de crimes cometidos por *motivos fúteis*.

Os traficantes paulistas seguem no mesmo ritmo dos cariocas. Apenas com alguns anos de atraso em relação ao controle e à administração do tráfico. Grande parte da violência perpetrada pelos traficantes das favelas paulistas é também pelo controle dos seus territórios, disputas de pontos de venda de drogas, somadas à vingança entre os grupos. Nesse meio todo, estão os jovens e adolescentes que participam como agentes da ação e como vítimas dela. O jovem, principalmente morador da periferia, associa-se ao tráfico como forma de ascensão social rápida, uma vez que não consegue suprir suas necessidades. Uma outra forma de ascensão são as quadrilhas. Esta é uma outra semelhança com as gangues americanas: proporcionar aos jovens dessas quadrilhas uma forma rápida de participação no mercado de consumo.

No caso da cidade de São Paulo, as quadrilhas, principalmente de traficantes de drogas, não parecem ocupar o papel do Estado, no que diz respeito ao auxílio às comunidades. Não seguem a máxima de *estar presente onde o Estado é omissivo*. O controle maior é direcionado ao tráfico. A interferência na comunidade é grande no sentido de se fazer obedecer, que se apresenta, por exemplo, na proibição da circulação de carros e pessoas numa determinada parte da favela; fechar as portas dos estabelecimentos comerciais como forma de respeito a algum traficante morto ou impedir a passagem numa determinada rua da região. Isso tudo é imposto, salvo pequenas exceções. Não há nada em troca, como a ajuda aos doentes, reformas de casas ou construção de qualquer outro tipo de empreendimento que seja necessário para a comunidade. A imposição da vontade dos traficantes é respeitada pelo medo e o silêncio é a resposta. Nesse meio todo a participação dos jovens como autores é extremamente reduzida.

EM SÃO PAULO

Não pude constatar em minha pesquisa a presença de jovens organizados em grupos, com a finalidade de praticar crimes ou outras atividades ilícitas consideradas graves. Na cidade de São Paulo, pelo menos nas áreas por mim pesquisadas, não há indícios de jovens organizados em *gangues*, tal como os pesquisadores definem o fenômeno *gangue*⁴.

Nos locais pesquisados, o jovem não está ligado a uma *gangue* ou a qualquer outro tipo de grupo, com o objetivo de enriquecer na vida, praticar infrações ou desenvolver outras atividades. Lembro aqui que a preocupação principal em minha pesquisa são os jovens que praticam atos considerados graves como os homicídios. Esses jovens estão ligados à comunidade e se identificam como tal. Em seus discursos pode-se encontrar a região como característica principal de sua origem. “*Sou de Santo Amaro*”, “*Sou do Taboão*”, “*Sou do Capão*”. Apesar de haver uma grande identificação com seus bairros e região, não há identificação com grupos ou *gangues*. Circulam pelos bairros como moradores, mas não como pertencentes a esse ou aquele grupo. E seus relatos mostram essa independência:

R – Aí meu,... num tem essa de grupo...de *gangue*... aqui é cada um por si. Se eu tenho uma treta com camarada eu vô lá e vejo o que dá... vô chamá?... ninguém não! É comigo memo...

P – Você nunca se envolveu com uma *gangue* aqui do Capão ou de Santo Amaro?

R – Eu não... nunca vi esse negócio.

P – Mas como, se você falou que fez um assalto e estavam em quatro?

R – Ah! Mas tudo camarada daqui... sem esse negócio de *gangue*. A gente tava aqui e falamo: vamo fazê?... Aí Zito [um amigo] disse: vamo chamá mais gente. Chamamo mais dois e falei: tá afim da fita? Tá? É isso... fizemo. Depois cabô... é isso aí...tá ligado?

P – Mas esses dois não eram seus amigos?

R – Amigo?... ah, amigo assim... daqui né? Tá ligado? Tavam sem fazê nada, aí veio com a gente! Depois acabô... se pintar outra fita quem sabe a gente vai de novo.

(R.S., 17 anos, Capão Redondo, internado três vezes na Febem Tatuapé por roubo)⁵.

P – Aqui no Taboão não tem *gangue*?

R – *Gangue*?... bem... o pessoal fala né? O Tráfico... coisa e tal.

P – Não, ... eu estou falando de jovens como você, 16, 17 anos... que se juntam em grupos pra fazer uma fita...

R – Eu não conheço... Eu sempre fiz sozinho... quer dizer... de vez em quando, cê sabe... à gente faz junto.

P – Como funciona....

⁴ Para o fenômeno das *gangues* de Brasília ver Waiselfisz (1998) e de Fortaleza-CE, ver Diógenes (1998).

⁵ As letras P significam as perguntas e as R, as respostas.

R – A gente cumbina com um, com outro... o que tivé livre vai e quem tivé a fim né? Mais daí é só... cabô, se pintá de novo...

(W.P., 16 anos, Taboão)

Os jovens envolvidos com a criminalidade agem segundo a expectativa do momento. Não há uma pré-elaboração de planos ou uma hierarquia. Os que atuam em grupos não se sentem obrigados a se submeterem a uma estrutura hierárquica, rituais de aceitação ou outra forma para participação na prática de qualquer delito. O que há em São Paulo, em comparação, são quadrilhas. As quadrilhas são tal qual existem em outras capitais. Mesmo assim, a presença de jovens nessas quadrilhas é secundária em quantidade e importância, na estrutura total. Os jovens quadrilheiros atuam como mensageiros, olheiros, entregadores (aviões) de drogas e até matadores de clientes endividados e moradores que se opõem ao tráfico. Não estão no papel de grandes chefes ou controladores do tráfico ou mesmo da “boca de fumo”. São poucos os adolescentes que controlam grupos pertencentes ao tráfico em São Paulo. Eles se reconhecem nessa posição ao se referirem aos comandantes por “pais”. São, na verdade, filhos do tráfico. Tráfico esse que não deixa nenhuma dúvida de que exerce sobre uma parte dos jovens da periferia uma forte atração.

Entrevistas realizadas com alguns jovens infratores, em diferentes bairros de São Paulo, indicam que esse “fascínio” pela delinquência se expressa no desejo de dominar, impor sua vontade ao outro e ser visto por todos os demais membros, como uma atitude de grande relevância. Num roubo, ou num assalto, por exemplo, levar o fruto do roubo não é tão importante como humilhar o outro durante a ação do roubo – dominar da forma como “bem entender”, segundo eles. A satisfação após a ação criminosa pode ser notada quando recontam detalhes, para eles próprios, daquilo que eles mesmos presenciaram. O relato dos próprios jovens os identifica como pertencentes ao grupo e legitima a ação. Acredito que essas ações podem indicar que as relações baseadas num princípio de reciprocidade estão de certa forma rompidas e podem, assim, fazer emergir outros laços sociais, baseados no fascínio pelo poder de destruição.

DESTRUIÇÃO

Para a população em geral, é muito mais compreensível uma ação de um indivíduo que rouba para sobreviver. Não tem o objetivo específico de matar o outro e sim de tomar-lhe o bem, mais por uma questão subentendida como sendo de sobrevivência. Contudo, um indivíduo que anda armado e faz do roubo sua profissão e a morte do outro como meio de obtenção de prazer, um capricho, torna extremamente difícil a compreensão. São os chamados crimes “insensatos”, segundo Katz (1988).

Por exemplo: um jovem internado na Febem-Tatuapé relatou a forma como ele e um amigo terminaram com a vida de seu ex-patrão. O jovem trabalhava numa loja de ferramentas na região central da cidade de São Paulo havia dois anos. Segun-

do ele, seu patrão de cerca de sessenta anos, agia sempre como se ele, adolescente, fosse “um qualquer”, sempre falando duro e de “cara feia”. Por diversas vezes, o patrão mandou que ele fosse levar compras pessoais até sua casa. O patrão morava sozinho e tinha uma empregada que recebia essas compras. Apesar de detestar essa atividade, nutria uma vontade de um dia poder assaltar aquela casa. Como o homem morava sozinho, acreditava que não encontraria grandes dificuldades em realizar o roubo. Essa façanha ganhou força quando foi demitido, segundo ele, “sem mais nem menos”. Convidou o amigo da rua para a empreitada. Chegaram armados, de madrugada; já conhecendo a casa seguiram pela porta lateral, onde sempre deixava as compras. Enquanto o amigo revirava a sala em busca de algo valioso, foram surpreendidos pelo proprietário. O homem ficou espantado com a presença do ex-funcionário e questionou o porquê daquilo. Os rapazes não responderam. Teve início uma sessão de espancamentos descontrolados. Segundo ele, “chutavam tudo que viam na frente”, apesar de armados.

Com uma espátula de abrir cartas fizeram vários furos no corpo do homem e com chutes e pontapés ele faleceu no centro da sala, em meio a uma poça de sangue. O adolescente, então, ergueu um vaso de flores “do tamanho de um balde” e soltou sobre a cabeça do corpo já morto. Antes de sair o jovem voltou e pisou com a ponta do pé no sangue que estava no chão.

P – Por que você pisou no sangue?

R – Aquele homem pisou nimim por dois anos, fui lá e pisei nele.

P – O que vocês levaram de lá?

R – Nada... a vida dele.

P – Você acha que precisava matar seu ex-patrão?

R – Acho... ele sabia quem eu era.

P – Por que você não atirou nele?

R – Porque daí era mais rápido. Ele precisava apanhá!

(P.S., 17 anos, Febem-Tatuapé).

Um outro jovem, este de classe média, relatou-me um caso que ocorreu com ele e seu amigo:

R – Tava eu e um amigo meu lá na [avenida] Faria Lima, perto da Dacon. Tava dando uma banda lá e aí a gente pensou em pegar uma carro pra gente ir até o Guarujá dar umas volta na praia. Era o quê? Umas dez hora e era sábado ainda. Ai a gente viu um véio num Vectra estacionando numa esquina, assim, perto da avenida. Era um véio que tava manobrando devagarzinho... olhamo e falamo: aí, é esse aí? Amigo meu falou: – só se for agora! Eu tava com uma arma, meu amigo tinha um 38. Eu fui na porta do motorista e enquadrei. Aí, tio, sai! Sai! O véio falou: – que sai o quê? Sai você moleque! Porra! Eu falei! Qualé que é desse véio?... Sai daí, meu! Meu amigo tentou abrir a outra porta, mas tava travada. Aí, dei um grito – Aí, sai daí véio, se não vou estourar a sua cabeça! Aí, ele parou e ficou olhando pra mim assim... E não saiu... coloquei o cano encostado no vidro e atirei... acho que foi na barriga dele, ele caiu assim pra trás... aí caímo fora...

P – Na Faria Lima? Ninguém ouviu?

R – Ah! Quando o homem caiu pra trás saímo correndo... não vi ninguém...

P – O homem morreu?

R – Não sei... acho que não...

(P.J., 18 anos, Morumbi. Duas passagens pela Febem por roubo. O pai é advogado e possui um carro modelo Vectra, mesmo modelo que ele pretendia levar da vítima).

Ambos os casos não se ajustam no que podemos considerar motivação para o roubo, ou mesmo vingança, como no primeiro caso. Apesar de figurar como roubo esses fatos transcendem as justificativas de aquisição material. Para estudar essas ações devemos levar em consideração a dinâmica emocional que envolve o crime em si e também as próprias definições que o jovem apresenta a outros, isto é, a auto-imagem que ele elabora. Segundo Katz (1988), devemos prestar atenção aos fatores que relacionam o simbolismo do mal e as emoções de desvio, assim como as características da prática da cena onde o crime ocorreu.

Os jovens, principalmente os que habitam a periferia e estão envolvidos com graves infrações, perdem tempo. A grande maioria passa a boa parte do dia sem fazer absolutamente nada. Geralmente após um assalto, um crime ou outra participação numa ação grave eles se *retiram* por um período. Isso os coloca fora de combate por algumas semanas. Enquanto consomem o fruto do assalto ficam “afastados” por um certo tempo. Os que trabalham com o tráfico, estão mais ocupados no final da tarde e à noite, quando *todos os gatos são pardos*. Normalmente esses jovens passam o dia vendo TV, jogando bola nos poucos campos de terra, que ainda existem na periferia, dormem, soltam pipa, usam droga e fazem sexo. Nada de tão anormal para um adolescente comum, principalmente se houvesse nesses itens a escola. Uma vida, que se for analisada apenas por quem está fora dela, de certa forma parece até, hedonística. Essa imagem colabora também para certos setores da sociedade investirem contra a liberdade desses adolescentes elaborando um discurso favorável à redução da idade penal, punições mais rigorosas, como o encarceramento dos jovens em prisões de adultos e utilização do Código Penal nos processos que envolvem adolescentes e outras falas que deturpam ainda mais a discussão.

O crime grave é um acontecimento raro. Entre os jovens que entrevistei, apesar de viverem uma vida criminosa, o *crime violento* não faz parte de seu cotidiano. Alguns conseguem combinar outros tipos de ações entre um crime grave e outro. O que é característico é que sua vida está entrecortada pela delinquência. Isso os obriga a levar uma vida difusa, onde praticamente tudo que fazem está envolvido por ações ilícitas. Desde suas relações mais pessoais, familiares, até no espaço em que transitam. O que os seduz é a própria ação criminosa. Essa talvez seja uma grande diferença entre os jovens criminosos e os criminosos adultos. Os jovens vivem essa qualidade sedutora da ação delinqüente, já os adultos agem mais racionalmente antes e depois da ação. O jovem busca emoções. Enquanto os adultos fazem de sua vida criminosa uma profissão, os jovens se atrevem à vida emoci-

onante. Um jovem internado na Febem Tatuapé relatou o momento em que praticaram um seqüestro relâmpago de uma jovem, próximo ao bairro do Butantã, zona Oeste de São Paulo:

R – Camarada nosso já tinha dado a fita pra nós. Eu e outro cara aí, esperamo a dona sair, era cedinho, assim sete hora, acho. Mó casão, cara. Ela foi tirando o carro assim de ré, quando saiu na calçada enquadramo, cara. Tirei o trezoitão assim, ô meu! Num tem outra. Ela ficou vermelha, começou a tremer, assim. E eu vai, vai, vai!

P – O que você sentiu na hora? Lembra?

R – Ô, meu! Senti uma coisa assim, esquisita. O dedo ali, cara, hum, num sei não. O diabo atenta, num atenta? Dá uma vontade de apertá. Mas eu só dei uma assim (um soco) na cabeça dela. Aí a gente foi no carro dela até o banco, mas fui assim, na maió adrenalina cara! Faltô isso pra apertar o cano!

(W.A., 16 anos, Paraizópolis, internado na Febem por causa desse seqüestro que acabou na porta do caixa eletrônico quando foram pegos pela polícia).

Esses jovens levam uma vida com uma significação especial e além de manter uma estrutura temporal aberta (não há o que se fazer com o dia e a noite, a não ser reafirmar a delinqüência) eles também organizam uma estrutura social que engendra as diferentes linhas de ação. Assim, vivem constantemente entre dois pólos de instigação social. Por um lado, há a opressão institucional que a todo instante lhes cobra a obediência à ordem e a seguir o caminho da “regeneração”. Por outro lado, não têm como fugir do mundo da delinqüência.

Devem por essa via atualizar periodicamente seu repertório de práticas deliqüenciais, ampliar seu raio de ação e de contato. Estender seu currículo, se tornar cada vez mais audaciosos, enfrentar todos e todas as circunstâncias com que se defrontam em seu caminho tortuoso (ADORNO, 1991, p. 208).

A classificação de desviantes, que os *outros* elaboram, só vem de encontro às suas expectativas. Há um forte apelo entre esses jovens de se configurarem entre os seus como uma espécie de *outsiders*. A forma do andar, os gestos com os braços, com as mãos, as gírias utilizadas, não são somente dos jovens da periferia, mas também está presente, pelo menos em parte, entre os adolescentes das classes mais abastadas. Utilizam o corpo como forma de linguagem. Os jovens da classe média “imitam” os jovens da periferia identificando-se com as roupas, a linguagem o gestual, o RAP da periferia que invadiu os condomínios dos bairros nobres da cidade. Ser tachado de marginal pelos outros chega a ser uma conquista. De maneira geral, o primeiro passo na maioria das carreiras desviantes é o cometimento de um ato não conformista. Não é proposital, não há por trás disso uma inconformidade intencional (BECKER, 1973).

Em diversos momentos da pesquisa pude constatar que os jovens se sentiam eufóricos em relatar os assaltos, as mortes, as ações com riquezas de detalhes. Praticamente impossível de anotar tudo o que falavam. Falavam sobre as entradas nas casas, as fugas e as mortes das pessoas como se tivessem cometido atos heróicos e a aceitação por parte dos outros reafirmava esse heroísmo. Mesmo inter-

nados na Febem, o relato possuía a mesma emoção. A internação era apenas um detalhe. Como se houvesse necessidade de reafirmar na negação. Há, sim, momentos esparsos de resignação, de solidão, mas que são rapidamente suplantados pelas falas sobre seus *crimes* e pela esperança de sair da instituição. São momentos em que esses jovens transcendem um dilema existencial, que é relacional e interno (o que sente) à identidade exterior (o que pensam dele).

O espaço físico interfere também nessa construção, uma vez que é um espaço de desprazer, principalmente o espaço da periferia. É um espaço que sensibiliza negativamente o sujeito e ele, então, passa a lutar contra toda situação desencadeadora de desprazer a fim de conseguir um equilíbrio entre prazer e desprazer (LORENZ, 1988). Um dos resultados dessas ações é que o homem não investe em “empreendimentos que prometem ganho de prazer a longo prazo. O que resulta uma impaciente demanda de satisfação imediata a cada novo desejo” (idem, p. 46). Entre um momento desejante e outro, há o vazio que precisa ser preenchido. É a sensação de vazio que assinala o momento em que é preciso preencher os espaços interiores (SISSA, 1999) e esse espaço não é somente matar, mas é também beber, comer, fazer sexo etc., ou de outra forma: matar a fome, matar a sede, matar o outro, e isso se realiza fora dele. Essa sensação, relacionada ao outro, dependente de outro, está também vinculada ao campo do erótico.

A periferia é muito feia. Os jovens que habitam essas regiões, em muitos casos, sentem-se envergonhados de mostrar sua residência. A imagem é sempre impregnada de negativismo, desvantagens em relação aos outros bairros e, conseqüentemente, aos *outros*. Eles mostram esse negativismo num discurso que é um misto de revolta e orgulho. Revolta por estarem “abandonados” nessa situação e orgulho na tentativa de se impor por esse negativismo.

O jovem pertencente à classe média também tem as mesmas posições e os mesmos dilemas. A imagem que prevalece para o senso comum é de que são na verdade um bando de “rebeldes sem causa”, mas a falta é a mesma da dos jovens da periferia. Os relatos também são os mesmos.

Segundo Bourdieu (2000), pode-se

representar o mundo social em forma de espaço (e várias dimensões) construído na base de princípios de diferenciação, ou de distribuição, constituídas pelo conjunto de propriedades que atuam no universo social considerado, quer dizer, essas propriedades podem conferir, ao detentor delas, força ou poder neste universo (p. 133-134).

Cada um dos agentes estaria em posição relativa nesse espaço, cada um numa região determinada do espaço. É ali que os indivíduos estabelecem suas relações. Assim, o espaço pode ser descrito também como “conjunto de relações de forças objetivas impostas a todos os que entram nesse campo e irreduzíveis às intenções dos agentes individuais, ou mesmo, às interações diretas entre os agentes. O que existe, portanto, é um espaço de relações o qual é tão real como o espaço geográfico” (idem, p. 137). É também nesse espaço que os jovens se relacionam e

traçam seus objetivos de vida. É nesse espaço que falam sobre e planejam os “crimes” e suas ações perturbadoras. É um espaço que funciona como estilo de vida. Não é um espaço qualquer. São espaços fortemente marcados e preenchidos de signos inclusivos, “signos que demarcam a presença do controle daquele território pelo grupo ou comunidade (...) O espaço tende a ser lido assim a partir das categorias absolutas “nosso” e “deles”, aliás como os demais valores associados a essa dinâmica” (COSTA GOMES, 2002, p. 64-5).

A representação que o jovem tem do mundo social e a construção da visão de mundo oriunda dessa percepção são a visão de sua própria posição nesse mundo – são sua identidade social (BOURDIEU, 2000). O problema surge quando essa identidade se defronta com a realidade. Isto é, seus anseios, suas vontades são cerceadas diante do real, impossibilitando a ele próprio de ser um indivíduo. Indivíduo aqui no sentido dado por Horkheimer (1976), em que “não significa simplesmente a existência sensível e espaço-temporal de um membro particular da espécie humana, mas, além disso tudo, a compreensão de sua própria individualidade como um ser humano consciente, inclusive o reconhecimento de sua própria individualidade” (p. 139). Contudo, tanto na periferia, quanto na zona central a individualidade pressupõe um sacrifício no que diz respeito à realização dos anseios pessoais que ele próprio percebe como difíceis de serem realizados face à carência de tudo a sua volta. E, segundo Horkheimer (1976), o poder social é hoje mais do que nunca mediado pelo poder sobre as coisas. Quanto mais “intensa é a preocupação do indivíduo com o poder sobre as coisas, mais as coisas o dominarão, mais lhe faltarão os traços individuais genuínos, e mais sua mente se transformará num autômato da razão formalizada”. (p. 141)

Uma das alternativas é correr riscos, buscar ideais a todo custo. Se ele consegue algo que traga benefício, na esfera legal da jurisdição, sentir-se-á integrado, caso contrário, a resposta à negação será a violência. Os jovens investem nos riscos enquanto seguem, paralelamente, refletindo sobre sua existência. Em muitos casos o investimento nos riscos é contra os outros jovens que possuem uma imagem invertida deles mesmos. Quer dizer, o que ele busca é o que o outro é, o que o outro tem. Não é raro os jovens da periferia referirem-se aos jovens de outras regiões mais abastadas como: “riquinho”, “boyzinho”, “mauricinho”, para desmerecê-los com os termos no diminutivo. Ou então: “cuzão”, “bundão”, para agredi-los com os termos no aumentativo. Ou ainda numa mistura dos termos: “boyzinho-cuzão”, “mauricinho-bundão”.

Numa ação violenta, como um homicídio, buscam a todo custo reverter os signos visíveis de desvantagens no jogo da inserção social (CASSAB, 2001) e, mesmo sorrindo, negam o sofrimento sabendo do dano que causaram, nesse instante a equação é invertida e a integridade inviolável, pelo menos naquele momento. Na verdade, estão vingando outros fracassos para terem o respeito que se deva ou que acreditam que se deva a eles (KATZ, 1988).

Para Sennet (1999), o capitalismo provocou um processo de corrosão do caráter, sobretudo naquelas qualidades de caráter que ligam os seres humanos uns

aos outros e dão a cada um deles um senso de identidade sustentável. As pessoas passaram a agir da maneira como o sistema impõe, isto é, não permite que as pessoas desenvolvam experiências ou construam uma imagem positiva de sua vida. O caráter, como diz Sennet, concentra-se, sobretudo no aspecto no longo prazo de nossa experiência emocional. São traços pessoais a que damos valor em nós mesmos e pelos quais buscamos que os outros nos valorizem. Isso depende de virtudes estáveis, como a lealdade, a confiança e a ajuda mútua. Contudo, nota o autor, essas características estão desaparecendo com o capitalismo moderno. As pessoas que não se enquadram nesse novo processo capitalista são colocadas para fora do sistema e, o que parece ser um agravante, sentem-se inferiorizadas e humilhadas diante do fracasso. Estar envolvido numa sociedade onde a superabundância é vital e ao mesmo tempo estar excluído disso tudo suscitam sentimentos de humilhação e também de ressentimento (OLIVEIRA, 2000) para com o outro. Da mesma forma que a sociedade o segrega, o jovem reage atacando-a com o isolamento. A violência é sempre uma resposta a outra violência, é assim que as coisas são percebidas (DADOUN, 1998).

Um jovem que participa do tráfico de drogas no bairro do Capão Redondo explica seus dois trabalhos anteriores ao tráfico da seguinte maneira:

R – Tinha que tá lá sete da manhã. Chegava, já tomava dura, tá ligado?: Aí, tá atrasado, tá atrasado. Tinha que ficá carregando caixa até as oito, nove, depois ficava empacotando até as cinco. E só dura, só dura. Ia pro almoço, voltava, aí tá atrasado, tá atrasado. Uma vez um saquinho tava furado caiu a manteiga de uma mulher, ele veio me empurrou, sai! Na frente de todo mundo. Que jeito, meu? Até a dona falô: aí, não foi nada. Cê que o quê? O outro, eu era ajudante de pedreiro. Mas ali, meu, era que o pesado era comigo, tá ligado? Carrega aquilo, aquele outro. Pega o tijolo, aí faz a massa. E o veio ficava lá, faça isso, faça isso. Tudo eu, tá ligado? Ganhar o quê? Sai! Isso não é vida! E tem também esse negócio de primeiro grau. Tem primeiro grau? Tem segundo grau? Vá se fuder!
(P.W., 18 anos, Capão Redondo)

Para um jovem ter um tênis de marca que pode lhe proporcionar satisfação e prestígio diante de seus iguais, não vê nenhum problema em tirar a vida de um outro, mesmo que seja a de um jovem como ele. Há inúmeros casos na mídia sobre homicídios de jovens que se recusaram a entregar um boné de marca, um tênis da moda ou outro acessório qualquer a um delinquente.

Ter uma arma também concede poder e prestígio. Atrai a atenção de quem se sente inferiorizado e também de companheiras que vêem nisso um destaque. Para se manter nesse meio e satisfazer seu desejo de aquisição, comete outros pequenos crimes que caracterizam a sua vida cotidiana. O jovem delinquente leva uma vida especialmente sedutora para quem quer ter algo e consegue ter praticamente todo o tempo. Esses pequenos crimes vão desde sair sem pagar de um bar, até furtos em lojas ou de pessoas nas ruas. Vários crimes contra a propriedade exercem uma atração nos jovens, independentemente do ganho material. Furtar um doce na padaria, levar uma

peça de roupa qualquer da loja e sair sem pagar, furtar revistas das bancas etc. Não é o valor de tal mercadoria que justifica o roubo, mas o roubar dá prazer. O mesmo acontece com o vandalismo, as depredações. Essas ações não satisfazem desejos de aquisição, mas, sim o desejo de praticá-las. Praticar o ato é que importa. Para jovens que picham muros ou monumentos, não é a pichação em si que lhes proporciona prazer, mas sim, a proibição do ato. Portanto, quanto mais alto, mais difícil, mais ilícito for, maior o prazer. Um doce furtado da padaria é mais gostoso do aquele que foi comprado. Isso transpassa a questão material. O prazer é que os crimes são furtivos e freqüentemente emocionam os praticantes.

A emoção do furto é criada basicamente em três momentos: o primeiro deles é que esse tipo de ação gera uma experiência de ser seduzido pelo ato ilegal, ilícito. Isso torna o sujeito pertencente a um meio, isto é, a *algum* meio, já que não se sente pertencente a nenhum. O segundo é que provoca a reconquista das emoções, o que o torna normal, e, por fim, a apreciação do significado reverbera uma emoção de euforia (KATZ, 1988). Contudo, esse estilo de vida coloca o jovem numa constante vigilância que determina seus passos e objetivos na vida, que passa a ser entrecortada pelo inesperado. Ele vive numa espécie de matar ou morrer que toma conta de seu cotidiano.

Dessa forma, apesar do aparente hedonismo, sua vida é um completo caos. Esse caos ele deve administrar de forma relacional, dentro de sua rede de contatos, que é praticamente impossível para estranhos. Mesmo os indivíduos mais próximos, mas não envolvidos com a delinquência, estão longe dele. Sozinho ele acredita poder administrar com mais eficácia seu dia-a-dia. Essa distância que deve manter dos estranhos contribui, em parte, para o ócio cotidiano. Além dessa estrutura temporal que o jovem mantém, ele organiza uma estrutura social que engendra sua linha de ação. O caos, que aparece como característica da vida cotidiana do delinquente, dá um significado distinto à sua vida, uma vez que o obriga a uma rígida disciplina segundo sua personalidade. (KATZ, 1988)

Ao longo de milênios, a violência era explicada por meio de dois códigos ligados um ao outro – eram a honra e a vingança (LIPOVETSKY, s.d.). Nesse período, as relações entre os homens eram mais importantes e mais valorizadas do que as relações entre os homens e as coisas. A honra e a vingança eram considerados códigos de honra. Esses códigos eram importantes no sentido de adestrar os homens para que se firmassem pela força, conquistassem o reconhecimento do outro e lutassem até a morte para serem respeitados. Tudo isso foi transformado com o advento do processo de civilização.

Segundo Elias (1990), o processo civilizador adestrou os homens segundo normas, códigos de condutas e maneiras de se comportarem produzidas ao longo de séculos que evoluíram num nível coletivo e individual. Inicialmente as boas maneiras foram elaboradas pela aristocracia e transmitidas para outras classes. A tendência era de aumentar o controle sobre tudo que estava ligado à animalidade do comportamento. Desde como assoar o nariz, urinar, se comportar a mesa etc., até as preocupações com o corpo no que deveria ser mostrado, ou não, ou os odores

produzidos por esse corpo. Isto é, as funções naturais passaram também a ser regradadas e modeladas segundo um contexto histórico e social. O gestual, o falar, o caminhar foram modulados e transformaram a sensibilidade. Esses sentimentos levaram à formação de inúmeras regras de conduta que construíram um consenso sobre os gestos, o que convinha ou não fazer.

A dinâmica desse movimento nasceu com o advento do Estado e graças à imposição progressiva de um duplo monopólio real – o monopólio fiscal e o monopólio da violência legítima (HEINICH, 1997). O surgimento do Estado formalizou o uso de um instrumento de controle a serviço de toda a sociedade. A concentração do poder nas mãos do Estado passou a ditar as normas de comportamento e segurança, pois, “quando não existe qualquer monopólio militar e policial e quando, por conseguinte, a insegurança é constante, a violência individual, a agressividade é uma necessidade vital” (LIPOVETSKY, s.d, p. 177). Passou a existir um certo controle do indivíduo pelo Estado.

Contudo, ainda segundo o autor, não foi apenas “através da lei e da ordem pública que o Estado conseguiu eliminar o código da vingança, de modo igualmente radical, foi o processo individualista que, pouco a pouco, minou a sociedade vingadora” (LIPOVETSKY, s.d, p. 179). O que surgiu disso tudo foi uma mudança substancial no comportamento do homem. As ofensas contra a injúria, a moral, a honra, que antes eram respondidas mediante duelos sangrentos, passaram a ser entendidas como algo de pequena importância. “O encontro do homem com outro homem, fez-se nesse momento sob o signo da indiferença” (LIPOVETSKY, s.d, p. 181). O processo de civilização não é apenas um efeito mecânico do poder ou da economia, mas coincide com a emergência de finalidades sociais inéditas, com a desagregação individualista do corpo social e com a nova significação da relação inter-humana baseada nessa indiferença. Na realidade, o Estado moderno criou um indivíduo socialmente desligado de seus semelhantes (LIPOVETSKY, s.d.). Assim, “o ajuntamento humano nas grandes cidades modernas é em grande parte, o responsável pelo fato de que não somos mais capazes de descobrir o semblante do próximo” (LORENZ, 1988, p. 21).

Disso tudo resulta um Estado governado por um processo de personalização, no qual o indivíduo renuncia à violência não somente porque apareceram novos bens e fins privados, mas porque, no mesmo movimento, o outro se torna dessubstancializado, um “figurante” sem importância. Contudo, apesar dessa desconsideração com o outro, dessa sociedade de personalização, a paisagem da violência não deixou de se alterar principalmente no que se refere aos jovens.

O processo de personalização que generaliza o culto da juventude pacífica os adultos, mas endurece os mais novos, que, de acordo com a lógica hiper-individualista, tendem a afirmar cada vez mais cedo, cada vez mais depressa, a sua autonomia, tanto material como psicológica, mesmo que através do emprego da violência (...) A ordem do consumo pulveriza muito mais radicalmente as estruturas e personalidade tradicionais e o que caracteriza o retrato atual (...) é menos a inferiorização de uma desorganização sistemá-

tica de sua identidade, mas sim uma desorientação violenta do ego suscitada pela estimulação de modelos individualistas eufóricos que convidam a viver intensamente (LIPOVETSKY, s.d, p. 192-193).

Quanto mais a massificação do homem, mais nos sentimos acuados pela necessidade de não nos envolvermos e assim podem atualmente acontecer, nas grandes cidades e em ruas movimentadas, assassinatos e outros tipos de violência sem que ninguém intervenha e isso acaba sendo incorporado em nosso cotidiano (LORENZ, 1988).

Segundo Oliveira (2000), o que ocorre é que

(...) estabelece-se um pacto social na perversão, onde se dá o aprendizado do cinismo e da indiferença ética como estratégias defensivas, tornando ainda mais difícil e conflitante a prática coletiva. Perde-se a confiança no outro, pois, o próximo é um competidor, um inimigo, um obstáculo a ser vencido ou uma coisa a ser usada. Deste descompromisso com o outro é só um passo para o absoluto desprezo, para o desaparecimento da figura do ideal coletivo e o surgimento do fora-da-lei e da cultura da delinquência. (p. 89)

A violência *hard* é jovem, o processo de personalização promove um tipo de personalidade cada vez menos capaz de afrontar a prova do real: a fragilidade, a vulnerabilidade cresce e isto principalmente entre a juventude carente de pontos de referência e enraizamento. “Os jovens, até há pouco tempo preservados dos efeitos destruidores do individualismo, são eles que representam a figura última do indivíduo desensurido, estilhaçado, por excesso de proteção ou de abandono” (LIPOVETSKY, s.d. p. 198).

A conseqüência disso é que afloram tanto indivíduos com tendências depressivas, desesperadoras, chegando ao suicídio, como outras que matam sem qualquer justificativa – uma violência sem projeto (ainda segundo LIPOVETSKY, s.d), sem identidade, fruto desse processo de personalização. O indivíduo pode viver no meio de outros indivíduos, mas eles não têm significado afetivo para ele. Uma espécie de solidão no meio da multidão.⁶

Isso não é um processo que afeta somente jovens pobres da periferia, mas envolve também jovens de bairros mais abastados da cidade. Em minha pesquisa, não encontrei um número elevado de jovens desses bairros que já tivesse praticado diversos assassinatos. Mas os poucos que encontrei demonstram a mesma indiferença para com suas vítimas que um outro jovem, da periferia, com “grande” envolvimento na criminalidade. O que os iguala é o fato de pertencerem à mesma faixa etária e o que os diferencia é a pertinência a classes sociais distintas. Aqui relato o caso de um jovem de dezesseis anos morador do Itaim-Bibi e que estuda num colégio católico do Morumbi. Nunca foi internado na Febem, mas disse que já fora

⁶ Risman, (1995) estudou esse processo de personalização da sociedade americana no famoso trabalho *A Multidão Solitária*, SP, Perspectiva.

preso duas vezes pela Polícia Militar. Uma por roubo e outra por agressão. Mas em ambos os casos, segundo ele, “não deu nada”. Tudo foi resolvido com os advogados do pai.

R – A gente tava indo pra [rua] Funchal e entramos numa banca que tem lá perto e ficamos ali olhando. Tinha uma pá de revista legal. Saca aquela do Batmam, aquela grandona, nova do Cavaleiro das Trevas? Então, queria levar aquela. Falei pro cara: Vê levar essa daqui... posso pagar depois? O cara riu e falou: Claro que não! Cê acha que eu vò deixar você levar a revista assim na manha? Nem fudendo! Aquele jeito dele, cara... aquele jeito, meu... nem falei nada... dei um soco na cara dele, meu... ele espatifou no canto da caixa dele. Tava com meu canivete, devia era ter dado uns furo nele. A sorte era que tinha uma pá de gente lá fora. Aí, ele quis levantar pisei na cara dele! [rindo] Ah! Seu bosta! Aí, vò levar a revista que eu quiser aqui e cale sua boca, falô? Peguei um livrão que tinha assim na prateleira e taquei nele assim. Ele ficou lá resmungando...

P – O que você fez com a revista?

R – A do Batmam?... sei lá... acho que nem levei... é, não levei nada, não... [rindo] deixei lá, mas foi um barato!

(V.R., 16 anos, Itaim-Bibi).

A questão não é somente o roubo, como no caso anterior, mas denota essa indiferença descrita acima. A arrogância e o desprezo para com o outro. É a revelação da carência de referenciais que eles buscam constantemente. Uma espécie de busca insaciável. Esses referenciais não são encontrados no sistema social claramente demarcados. Pelo contrário, o caos em que vivem física e psicologicamente, lhes indica que a sociedade não é organizada por apenas uma referência discursiva, mas por diferentes discursos.

Embora seja demandado dele escolher entre duas formas dominantes do laço social, a reivindicação ou o conformismo, o adolescente identifica um terceiro modo entre exigir e se resignar. Essa terceira saída é a infração, um misto de subversão do poder do outro e busca de tutela social (OLIVEIRA, 2000, p. 106).

Mas voltemos ao prazer em matar.

A emoção em cometer um ato desviante, como, por exemplo, uma simples pichação de muros, prédios ou os monumentos da cidade, ou cometer pequenos furtos em lojas ou residências, está presente tanto em jovens de classes mais baixas como nos de classes abastadas. São as emoções furtivas, como já apontou Katz (1988). Essas emoções surgem quando tacitamente uma pessoa procura uma experiência em que ela seja seduzida pelo desejo, pelo ato ilegal, acompanhado de uma sensação de euforia após a realização do ato. Com um pouco de esforço podemos compreender essas pequenas ilegalidades cometidas cotidianamente. Mas como com-

⁷ MENINO de 9 diz que matou menina de 8. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 22 mar. 2000, p.3-1; *Época*, PEQUENOS Assassinos. *Época*, 27 mar. 2000, p.47.

preender o prazer que alguns adolescentes sentem ao matar uma pessoa? E ainda mais, com requintes de crueldade. Não é somente matar o outro, mas destruir seu corpo.

Em março de 2000 três adolescentes de nove, dezesseis e dezessete anos mataram com requintes de crueldade outras duas crianças, uma menina de oito e seu irmão de nove anos⁷. O crime ocorreu no Município de São Roque, interior de São Paulo. Os dois irmãos foram convidados pelos três amigos a um passeio, mas acabaram entrando num matagal. Ali foram seviciados, com paus, pedras, pontapés e também cipós que encontraram na mata. Cada um dos adolescentes teria dado também dez pauladas na cabeça de cada um, além de obrigarem as crianças a comerem fezes. A menina antes de morrer teria sido violentada pelos três adolescentes. Para a polícia o mais velho teria dito: “nóis três é que matamo. Pegamo um toco e batemo na cabeça deles”. Quando questionados sobre o que fizeram, um deles disse: “quando nóis entrô no mato, nóis entrô com a intenção de matá”. Não sabiam dizer por que mataram, mesmo as duas crianças sendo amigas deles. O que impressionou o delegado do caso foi a tranqüilidade dos garotos enquanto estavam sendo interrogados.

Podemos dizer que o mundo moderno, além de isolar o indivíduo e segregá-lo de certos aspectos da convivência social, possibilita uma certa manipulação do poder em determinados casos. Na ação estrita do assassinato podemos perceber uma certa sensualidade na elaboração do ato. Para Katz (1988), isso tudo só é possível nos indivíduos com um espírito de criminalidade, isto é, é necessário uma prática no modo de ação executiva, uma criação simbólica que define a situação e uma fina estética em reconhecer e elaborar uma possibilidade sensual. Intimidar o outro, por exemplo, é uma das formas de criminalidade mais essenciais ao desafio moral de um indivíduo. O ato de se impor sobre o outro, desde a fala até a destruição do corpo do inimigo. Não é somente destruir o outro, mas destruir seu corpo para o social.

A sensualidade mostra-se nessa ação brutal, na forma como se mata, na atitude e no significado de toda a cena onde se desenvolve o acontecimento. Atirar em alguém, esfaquear um corpo, cortar partes dele⁸, esmagar a carne, parece envolver toda uma sensualidade recheada de significados. Como o jovem que matou seu ex-padrão e antes de sair pisou em seu sangue numa atitude derradeira de esmagar seu corpo (que já estava morto). Ou no caso do garoto que assaltou o ônibus e tentou escrever seu nome no rosto do motorista. Tentativas de expurgar algo dentro de si e numa ação toda envolvida com a sensualidade. Por isso esses jovens provocam o terror em nós. Segundo Elias (1990), o terror está no centro dessa questão do pudor: o terror de se tornar vulnerável à agressão do outro e, mais especialmente, aos gestos de superioridade de um outro mais forte.

Os garotos citados acima, assim como a maioria dos outros jovens que concederam entrevistas, relatam suas ações com um certo grau de resignação. Não

⁸ Segundo Martins (1996), “porque é preciso matá-lo, também, simbolicamente, matá-lo para a sociedade, matar a possibilidade de sua memória como pessoa. Não é apenas retirá-los como corpo físico, mas também matá-lo para a sociedade”. (p. 21)

estão revoltados com a nova situação, aceitam como se todo o destino já fosse traçado pelo divino e passado a eles sem questionamentos. Mesmo um outro jovem que me concedeu entrevistas disse que matou um senhor para lhe roubar pouco mais de dezoito reais e falou que ele “olhou assim” (de cima para baixo) – o olhar de um superior a um inferior, de um melhor para um pior. O desprezo que o jovem teve para com o outro, ao atirar na cabeça de sua vítima, reverteu essa hierarquia. Sentiu-se humilhado apenas com o olhar do outro, mas era um olhar recheado de signos, um olhar que o colocava fora de seu espaço, fora de seu mundo. E se, para retornar ao seu universo e restabelecer as relações, for necessário o aniquilamento do outro – assim será. Segundo Eliade (s.d.), o que caracteriza as sociedades tradicionais é a oposição que elas subentendem entre o território habitado – e o espaço desconhecido e indeterminado que o cerca. O primeiro é o mundo, o resto é uma espécie de outro mundo. “Se os deuses tiverem de espancar e de esquartejar um monstro marinho ou um ser para poderem criar o mundo a partir dele – o homem deve imitar essa ação” (p. 64). É dessa maneira que simbolicamente o homem funda o *seu próprio* mundo.

Não é possível afirmar que essa crueldade e desprezo pela vida de outrem seja um traço característico do comportamento dos jovens de hoje – autores de infrações penais graves. Principalmente pela escassez de estudos históricos e antropológicos que contemplem esse fenômeno. Mas podemos refletir sobre a atualidade dessa forma de comportamento. No sentido da crueldade, enquanto acontecimento, traduz um momento de ruptura nas relações.

A emergência da crueldade como expressão recorrente da violência nesta sociedade indica que algo se rompeu na sociedade brasileira, uma interrupção de proporções consideráveis, pois que atravessa os mais distintos campos do discurso, das relações de poder e das possibilidades de conhecimento e de justificativa racional para tais acontecimentos.

A crueldade rompeu com o véu de uma sociedade – a brasileira – cuja identidade esteve até recentemente marcada pela não-violência, pela resolução pacificada dos conflitos e tensões nas relações sociais, pela preferência para a reforma e conciliação. A ruptura discursiva indica que é preciso rever mitos e fabulações; mais do que isto, que é preciso incorporar a violência e uma de suas manifestações – a crueldade com que adolescentes e jovens adultos praticam crimes violentos – como traço identitário dessa sociedade.

Pode indicar também que está ocorrendo uma profunda interrupção nas tradicionais relações de poder e de dominação nessa sociedade. As imagens de passividade e sujeição incontestes dos dominados e das classes populares parecem ter se esfumado no ar. As ações dos jovens que cometem infrações podem sugerir expressões radicais de mudanças nas relações hierárquicas e de dominação. Aqueles que tradicionalmente mandavam, podem, na atualidade, se converter em vítimas potenciais, mesmo que entre as vítimas estejam os iguais, aqueles que vivem debaixo das mesmas condições adversas de existência. O desejo de destruir o outro, de impor uma humilhação degradante está a indicar não apenas a vontade de destruição material do corpo da vítima, mas também de destruição de uma certa

configuração de relações de força sociais cujo campo de gravitação é o corpo social. Eliminar o corpo do outro pode significar, entre outros possíveis significados, o desejo de constituição de um novo corpo social, isento dos hábitos tradicionais de mando e obediência. Pode igualmente traduzir disposições sociais, até há pouco sob a epiderme do corpo social, no sentido de soterrar as formas tradicionais de poder, mando e autoridade, em favor de novas modalidades de sujeição de cuja configuração não é possível, no momento, circunscrever os contornos.

Ademais, as formas de crueldade presentes no comportamento de adolescentes e jovens infratores introduzem igualmente microscópicos desarranjos nas relações entre fatos, acontecimentos e suas formas possíveis de justificação e legitimidade. No passado recente, a crueldade revelava um certo pudor. Se os julgadores (agentes policiais, promotores públicos, assistentes de acusação, juizes etc.) poderiam imputar aos autores de crimes traços de comportamento violento, não era recorrente que os acusados reconhecessem na crueldade um traço afirmativo de seu comportamento criminoso, à exceção de alguns poucos. A publicização desse traço de comportamento dava-se, na melhor das hipóteses, no interior das prisões, como uma espécie de estratégia de auto-defesa de presos contra as investidas violentas de outros presos. Com uma intensidade menor, isso pode ser observado no interior das instituições responsáveis em abrigar menores infratores: estupro e espancamentos ou mesmo mutilação do corpo do outro são recorrentes nesses locais, ainda mais em casos de rebeliões. Em outras palavras, não parecia legítimo recorrer à crueldade e à imposição de sofrimento às vítimas. Uma interrupção nessa ordem de arranjos entre fato, conhecimento e legitimidade irrompeu em curto espaço de tempo. Entre alguns segmentos da população jovem, ser cruel passou a ser uma forma de afirmação identitária, uma forma de construção de subjetividade nutrida do risco, da aventura, do desafio e da superação dos limites, quaisquer que sejam, inclusive e por excelência os limites morais. Desse modo, se o enraizamento da violência é uma herança do passado, essa herança – entendida como um conjunto de forças sociais – reaparece no presente.

Esses adolescentes e jovens adultos, autores de crimes graves, podem estar assumindo o papel de porta-vozes dessa nova alteridade em constituição cujos sinais toscos e grosseiros se espelham na crueldade e na imposição de sofrimento às suas vítimas. Não é na natureza dos indivíduos ou à sua subjetividade que se deve buscar explicações; porém nas linhas de fuga proporcionadas pelo esgotamento de nosso modelo de alteridade, forjado com nossa modernidade. O foco devem ser, portanto, as formas de comportamento – a crueldade, por exemplo – e não a existência de indivíduos cruéis que, aliás, sempre existiram. Cabe a nós a identificação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Fundação Perseu. *Resultado de Pesquisa Juventude: cultura e cidadania*. São Paulo: Núcleo de Opinião Pública (NOP), 2001.
- ADORNO, Sérgio França. A prisão sob a ótica de seus protagonistas, itinerário de uma pesquisa. *Revista Tempo Social*, São Paulo, v. 3, n.1-2, 1991.
- BECKER, Howard. *Outsiders, Studies in the sociology of deviance*. New York: The Free Press, 1973.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- CARDIA, Nancy, (1998) – Violência urbana e os jovens. In: Vários Autores. *São Paulo sem medo, um diagnóstico da violência urbana*. Rio de Janeiro: Garamond, 1998.
- CASSAB, Maria Aparecida. Jovens pobres e a cidade. In: CASTRO, Lucia Rabello (Org.). (2001) – *Crianças e jovens na construção da cultura*. Rio de Janeiro: Nau/Faperj, 2001.
- COHEN, Albert K. *Delinquent Boys, the culture of the gang*. Glencoe, Illinois: The Free Press, 1955.
- COSTA GOMES, Paulo César da. *A condição urbana, ensaios de geopolítica da cidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- COSTA, Márcia Regina da. *Os carecas do subúrbio*. São Paulo: Vozes, 1993.
- DADOUN, Roger. *A violência, ensaio acerca do homo violens*. Rio de Janeiro: Difel, 1998.
- DIÓGENES, Glória. *Cartografias da cultura e da violência, gangues, galeras e o movimento hip hop*. São Paulo: AnnaBlume, 1998.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano, a essência das religiões*. Lisboa: Livros do Brasil, s.d.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990. Vol. 1 e 2.
- FEBEM – Fundação para o Bem Estar do Menor. *Relatório Anual*. 2000. xerox
- GLASSNER, Barry. *The Culture of Fear*. New York: Basic Books, 1999.
- GUIMARÃES, Eloísa, *Escola, galeras e narcotráfico*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.
- HEINICH, Nathalie. *A sociologia de Norbert Elias*. Bauru: EDUSC, 1997.
- HORKHEIMER, Max. *Eclipse da razão*. Rio de Janeiro: Labor, 1976.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Síntese dos Indicadores Sociais 2001*. São Paulo: IBGE, 2001.
- JANKOWSKI, Martin Sanchez. *Islands in the Street*. California: University of California Press, 1991.
- _____. As gangues e a estrutura da sociedade norte-americana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 12, n. 34, jun. 1997.
- KATZ, Jack. *Seductions of Crime, moral and sensual attractions in doing evil*. USA: Basic Books, 1988.
- KLEIN, Malcom W. *The American Street Gang*. USA: Oxford University Press, 1995.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio*. Lisboa: Relógio D'água, s.d.
- LORENZ, Konrad. *Oito pecados mortais do homem civilizado*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- MARTINS, José de Souza. Linchamento, o lado sombrio da mente conservadora. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, v. 8, n. 2, out. 1996.
- MELLO JORGE, Maria H. P.de. Os adolescentes e jovens como vítimas da violência fatal em São

- Paulo. In: PINHEIRO, P. S. (Org.). *São Paulo sem medo: Um diagnóstico da violência urbana*. Rio de Janeiro: Garamond, 1998.
- MICHAUD, Yves. *A violência*. São Paulo: Ática, 1998.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Os (des)caminhos da identidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, n. 42, 2000.
- RIESMAN, David. *A multidão solitária*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- SALEM, Helena. *Skins: as tribos do mal*. São Paulo: Atual, 1995.
- SEADE. *Sistema de Estatísticas Vitais para o Município de São Paulo*. São Paulo, 2000.
- SECRETARIA de Segurança Pública de São Paulo. *Dados do RES SSP 160/01*. São Paulo, 2001.
- SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- SISSA, Giulia. *O prazer e o mal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- SPAGNOL, Antonio Sergio. *Garotos perdidos: um estudo sobre os jovens delinquentes na cidade de São Paulo*. 2003. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- THOMPSON, Kenneth. *Moral Panics*. London: Routledge, 1999.
- VIANNA, Hermano. *O mundo funk carioca*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- WASELFISZ, J. J. (Coord.). *Juventude, violência e cidadania*. Rio de Janeiro: Cortez, 1998.
- ZALUAR, A. Gangues, galeras e quadrilhas. In: VIANNA, Hermano. *Galeras cariocas*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.